

ENFERMEIROS DOCENTES DO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Greisse da Silveira Maissiat¹ e Ioná Carreno²

RESUMO: Como o número de enfermeiros na docência do ensino técnico em Enfermagem apresenta-se em crescimento contínuo, buscou-se com este estudo sintetizar e caracterizar os artigos científicos sobre os enfermeiros docentes do ensino técnico em Enfermagem. Como metodologia utilizou-se a Revisão Integrativa proposta por Cooper (1982). A coleta de dados compreendeu o período de 1999 a 2009, a partir das bases de dados LILACS, SCIELO e BDENF, sendo encontrados nove artigos científicos que fizeram parte da amostra. Este estudo visa a incentivar o enfermeiro docente para sua qualificação profissional, a fim de que se relacionem os conhecimentos da enfermagem enquanto ciência aos conhecimentos da prática didático-pedagógica, formando profissionais competentes e técnicos em enfermagem mais bem preparados e conseqüentemente melhor assistência em enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: Docente de Enfermagem. Educação Profissionalizante. Educação em Enfermagem/ensino médio. Prática do Docente de Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A formação de profissionais de nível médio de enfermagem teve início em 1942, frente ao surgimento de hospitais-escolas, devido à necessidade de contratação de profissionais especializados para auxiliar nos procedimentos médicos, visto que as enfermeiras eram responsáveis pelas atividades caracterizadas como administrativas (DANTAS; AGUILLAR, 1999).

A partir dos hospitais-escolas, da evolução tecnológica e das descobertas no processo saúde-doença, as instituições passaram a requerer profissionais mais bem preparados, melhor qualificados e com adequada habilidade técnica e manual, originando a educação profissionalizante em Enfermagem (KOBAYASHI; LEITE, 2004).

Assim, foi aprovada a regulação da Escola Profissional para Enfermeiros pela Lei nº 10.472/42, a qual foi reorganizada com o objetivo de formar enfermeiros auxiliares na assistência direta ao paciente, além de serviços sanitários. Exigiu-se apenas o ensino fundamental e passou a chamar-se Escola de Enfermeiros Alfredo Pinto (DANTAS; AGUILLAR, 1999).

Com isso, percebeu-se que apenas o auxiliar de enfermagem com ensino fundamental não era o bastante, sendo necessário um profissional com maior conhecimento científico e autonomia, que estivesse entre o auxiliar e o bacharel em Enfermagem.

1 Enfermeira, especialista em Docência para Educação Profissional de Nível Técnico na Área da Saúde pelo Centro Universitário UNIVATES, especialista em Enfermagem do Trabalho pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Enfermeira, professora do curso de Pós-Graduação em Docência para Educação Profissional de Nível Técnico na Área da Saúde do Centro Universitário UNIVATES, doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Então, foi criado em 1966 o primeiro curso para formação do profissional Técnico de Enfermagem na Escola Ana Néri, sendo a regulamentação para o exercício desta profissão reconhecida 20 anos mais tarde, a partir da publicação da Lei do Exercício Profissional nº 7.498/86 (BRASIL, 1986), que foi regulamentada pelo Decreto-Lei nº 94.406/87 (KOBAYASHI; LEITE, 2004).

A Lei nº 7.498/86 (BRASIL, 1986) diferencia as atribuições dos diferentes profissionais de enfermagem e estabelece a diferença entre os profissionais de nível médio. Embora na prática essas atribuições se confundam e até mesmo técnicos de enfermagem estejam sendo contratados como auxiliares e vice-versa, estabeleceu-se o que segue:

[...] o técnico de enfermagem exerce atividade de nível médio, envolvendo orientação e acompanhamento do trabalho de enfermagem em grau auxiliar, e participação no planejamento da assistência de enfermagem” e o “auxiliar de enfermagem exerce atividade de nível médio, de natureza repetitiva, envolvendo serviços auxiliares de enfermagem sob supervisão, bem como a participação em nível de execução simples, em processos de tratamento (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 1987).

Nesse contexto, ressalta-se que a equipe de enfermagem é responsável pelo cuidado direto ao paciente para atender suas necessidades básicas, promovendo bem-estar, higiene e conforto nas 24 horas do dia.

Diante dessas responsabilidades dos profissionais auxiliares e técnicos de enfermagem na assistência à saúde, percebeu-se a necessidade de que os cursos fossem ministrados por profissionais docentes, ou melhor, enfermeiros-docentes com competência técnica, domínio do conteúdo e conhecimento da prática didático-pedagógica. Em 1968 foi estabelecida a licenciatura ou formação pedagógica como requisito para os enfermeiros docentes do ensino profissionalizante de enfermagem (SECAF, 1987).

Frente a isso, os enfermeiros na docência do ensino profissionalizante em enfermagem esbarram no conhecimento da didática e da pedagogia, pois, durante o bacharelado, a educação ainda atenta para as atividades assistenciais de caráter curativo e fragmentado, preparando o aluno para o cuidado das tarefas diretas ao paciente (SILVEIRA; CORRÊA, 2005).

Percebe-se que os enfermeiros estão concluindo sua formação e atuando em escolas profissionalizantes, ministrando as aulas sem conhecimento específico e aprofundado das práticas educativas. Poucos possuem título de Licenciatura, Formação Pedagógica ou Docência para Educação Profissional de Nível Técnico na Área da Saúde. Além disso, a grande maioria dos cursos de graduação em enfermagem não fornece em seu currículo conhecimentos suficientes da didática e pedagogia necessários para o exercício da educação.

Os cursos de Licenciatura em Enfermagem, Formação Pedagógica ou Docência para Educação Profissional de Nível Técnico na Área da Saúde levarão o enfermeiro ao desenvolvimento de seu saber, somando o conhecimento adquirido na graduação ao conhecimento da didática e pedagogia aprendido nesses cursos. Nas competências do docente esses conhecimentos são fundamentais para que se formem profissionais de nível médio capacitados a atender as necessidades diárias decorrentes de suas funções (VALENTE; VIANA, 2006).

Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 2.939/96 (BRASIL, 1996), estabeleceu a educação profissional de nível básico, tecnológico e técnico, que corresponde ao auxiliar e ao técnico de enfermagem, objetivando promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, a qualificação, a reprofissionalização e a atualização, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicos para o exercício de atividades produtivas.

Com isso, nos últimos anos ampliou-se o campo de docência para o profissional egresso, o que é evidenciado pelo aumento do número de escolas de nível técnico em enfermagem no Brasil após o surgimento do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem do

Ministério da Saúde – PROFAE (FERREIRA JUNIOR, 2008), m 15 de outubro de 1999, por meio da Portaria nº1262/GM (BRASIL, 1999) que visa à qualificação profissional de nível, básico, técnico e pós-técnico.

Como o número de enfermeiros na docência apresenta-se em crescimento contínuo, seja por vocação, ao acaso, por prazer ou para aumentar a renda, percebeu-se a necessidade de buscar nos artigos científicos o que está sendo estudado sobre os enfermeiros docentes da educação profissionalizante, a fim de contribuir na construção de melhor formação tanto para os docentes quanto para os discentes na realidade brasileira.

O objetivo desta pesquisa é sintetizar e caracterizar os artigos científicos sobre os enfermeiros docentes do ensino técnico em Enfermagem.

2 METODOLOGIA

O tipo de estudo utilizado nesta pesquisa consiste em uma Revisão Integrativa (RI), conforme a metodologia de Cooper (1982), que se caracteriza por ser um método em que o pesquisador explora as produções científicas já desenvolvidas sobre um único assunto, com o intuito de obter dados e informações abrangentes, integralizadas e pertinentes na enfermagem a um tema em específico diante da análise e reflexão dos estudos, a fim de aplicação prática ou teórica. Essa metodologia propõe cinco etapas as quais foram seguidas nesta RI: *formulação do problema, coleta de dados, avaliação dos dados, análise e interpretação dos dados e apresentação dos resultados e conclusões.*

A coleta de dados se realizou a partir das bases de dados eletrônicas destinadas à busca dos artigos científicos, as quais foram Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência e Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), por serem bases de dados amplas, com riqueza nos conteúdos e apresentarem elevado rigor científico dos estudos. Considerando os descritores a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS), utilizaram-se: Docente de Enfermagem; Educação Profissionalizante; Educação em Enfermagem/ ensino médio; Prática do Docente de Enfermagem.

Os critérios de inclusão para a definição dos artigos científicos que fizeram parte da amostra desta pesquisa foram: artigos em português, na íntegra com livre acesso *on-line*, publicados no período de 1999 a 2009. Estabeleceu-se o marco do ano 1999 devido à criação do Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem (PROFAE) pelo Ministério da Saúde.

Os critérios de exclusão foram: artigos que não abordassem o tema escolhido, que não respondessem a questão norteadora, não disponíveis *on-line* elaborados, fora do período estabelecido, escritos em outro idioma que não o português.

Como questão norteadora para esta RI, elaborou-se: *O que as pesquisas científicas abordam sobre os enfermeiros docentes do ensino técnico em Enfermagem?*

Foi elaborado um instrumento de acordo com a questão norteadora do estudo, estruturado em itens destinado ao registro das informações: revista, ano de publicação, região do país, número de autores, metodologia, campo das pesquisas, sujeitos dos estudos, tema das pesquisas, síntese e agrupamento dos temas das pesquisas. Esses instrumentos foram preenchidos após a leitura das produções científicas tendo em vista a formulação do problema do estudo. Cada trabalho analisado e incluído no estudo recebeu uma ordem de numeração.

Para a análise dos dados, foram elaborados quadros sinópticos em que os campos destinaram-se ao registro da síntese das informações contidas no instrumento utilizado para a coleta de dados.

Os aspectos éticos foram atendidos neste estudo, na medida em que as informações e as ideias dos autores que fizeram parte da amostra foram respeitadas, assegurando autoria e citação nas referências, conforme a Norma Brasileira 6023:2002.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta das informações ocorreu a partir das bases de dados LILACS, BDEF, SCIELO, nas quais foram encontrado 1.979 trabalhos científicos, produzidos no período compreendido entre os anos de 1999 a 2009, que fizeram parte da população desta RI.

Ao aplicar os critérios de inclusão e exclusão por meio da leitura de títulos e resumos, foram excluídos: 333 por estarem escritos em outro idioma que não o português, 1.635 por não responderem a questão norteadora, oito por serem dissertações e não terem artigos disponíveis na íntegra e dois por não estarem disponíveis *on-line* na íntegra. Assim, fizeram parte da amostra nove artigos científicos que abordavam a temática em estudo.

Na análise dos artigos que compuseram a amostra desta pesquisa verificou-se que 22,2% dos estudos (FERREIRA JUNIOR, 2008; RIBEIRO; PEDRÃO, 2005) foram publicados na Revista Brasileira de Enfermagem, 22,2% dos trabalhos (CARVALHO; VIANA, 2009), na Revista Eletrônica *Enfermeria Global*, 11,1% das pesquisas (BASSINELLO; SILVA, 2005) foram publicadas na Revista de Enfermagem UERJ, 11,1% (VELOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999) no Caderno de Saúde Pública; 11,1% (SANTOS; CASSIANI, 2000), na Revista Latino Americana de Enfermagem; 11,1% dos trabalhos (ZOCHE, 2007) foram divulgados na Revista Trabalho, Educação e Saúde e, ainda, 11,1% (OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005) na Revista *Cogitare Enfermagem*.

Com relação ao ano, observou-se que 33,3% das pesquisas foram publicadas no ano de 2005; 11,1% em 1999; 11,1% em 2000; 11,1%, em 2006; 11,1%, em 2007; 11,1%, em 2008; e 11,1%, em 2009.

Quanto às regiões do Brasil onde foram desenvolvidas as pesquisas, evidenciou-se que 66,6% dos trabalhos (VALENTE; VIANA, 2006; RIBEIRO; PEDRÃO, 2005; CARVALHO; VIANA, 2009; BASSINELLO; SILVA, 2005; VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999; SANTOS; CASSIANI, 2000) foram desenvolvidos na região sudeste do país; 22,2% (ZOCHE, 2007; OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005), na região sul; e 11,1% (FERREIRA JUNIOR, 2008), na região centro-oeste do Brasil.

No que tange ao número de autores, verificou-se que: 44,4% artigos foram desenvolvidos por dois autores, 22,2% produzidos foram desenvolvidos por um autor; 22,2% foram escritos por três autores e 11,1% foram desenvolvidos por quatro autores, tendo um total de 20 autores.

Considerando os 20 (100%) autores encontrados nos nove trabalhos, verificou-se que 35% deles possuem titulação em nível de doutorado, 35% em nível de mestrado e 40% não informaram a titulação.

Na variável metodologia, percebeu-se que 88,8% dos estudos (VALENTE; VIANA, 2006; FERREIRA JUNIOR, 2008; RIBEIRO; PEDRÃO, 2005; CARVALHO; VIANA, 2009; VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999; SANTOS; CASSIANI, 2000; ZOCHE, 2007; OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005) utilizaram a pesquisa qualitativa, tendo dois (VALENTE; VIANA, 2006; FERREIRA JUNIOR, 2008) abordado o tipo descritivo-exploratória, um (OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005) abordou o método exploratório, um (SANTOS; CASSIANI, 2000) o método "Grounded Theory" ou Teoria Fundamentada nos Dados Santos, um (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999) a metodologia integradora e um (CARVALHO; VIANA, 2009) o método descritivo tipo estudo de caso. Ainda, 11,1% dos estudos (BASSINELLO; SILVA, 2005) utilizaram o método descritivo com a metodologia quantitativa.

Quanto aos campos das pesquisas, observou-se que 77,7% dos artigos (VALENTE; VIANA, 2006; FERREIRA JUNIOR, 2008; RIBEIRO; PEDRÃO, 2005; BASSINELLO; SILVA, 2005; VELLOZO;

MARTINS; NASCIMENTO, 1999; SANTOS; CASSIANI, 2000; OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005) foram realizados-se em instituições de ensino de nível médio profissionalizante, tendo uma pesquisa (RIBEIRO; PEDRÃO, 2005) sido realizada, também na Santa Casa de Misericórdia e um trabalho (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999) focado o programa de aperfeiçoamento desenvolvido por essa instituição. Outro estudo (CARVALHO; VIANA, 2009), compreendendo 11,1%, foi realizado a partir de análise documental e registros e 11,1% (ZOCHE, 2007) foram desenvolvidos contemplados revisão bibliográfica.

Em relação aos sujeitos das pesquisas, 55,5% dos participantes (VALENTE; VIANA, 2006; FERREIRA JUNIOR, 2008; CARVALHO; VIANA, 2009; BASSINELLO; SILVA, 2005; SANTOS; CASSIANI, 2000) foram enfermeiros docentes dos cursos técnicos de enfermagem, 11,1% (RIBEIRO; PEDRÃO, 2005) docentes, alunos e auxiliares ou técnicos de enfermagem e 11,1% (OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005) docentes, diretora, coordenadora e orientadora educacional. Os demais trabalhos, que compreenderam 22,3%, não tiveram sujeitos como participantes das pesquisas, pois 11,1% (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999) desenvolveram o estudo baseado no Programa de Aperfeiçoamento do Ensino Técnico (PAETEC) e 11,1% (ZOCHE, 2007) realizaram uma revisão bibliográfica.

Os temas propostos nas pesquisas encontraram-se destacados no QUADRO 1.

QUADRO 1 - Temas das pesquisas analisados.

Objetivos	Autor(es)
Identificar as competências desenvolvidas na formação do enfermeiro para o ensino médio em Enfermagem, a partir de sua prática pedagógica; analisar a influência das competências na prática pedagógica do enfermeiro, por meio das estratégias utilizadas no ensino	VALENTE; VIANA, 2006
avaliação por competência no ensino técnico em enfermagem, suas implicações, desafios e proposições como uma forma de integrar os diversos olhares dos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem em saúde	ZOCHE, 2007
Construir conceitos de critérios de avaliação de alunos do curso Técnico em Enfermagem do Centro de Educação Profissional Evangélico (CEPE)	OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005
Caracterizar o perfil e analisar as condições de trabalho do enfermeiro no exercício da docência	BASSINELLO; SILVA, 2005
Compreender o significado que os Enfermeiros, docentes do Ensino Médio de Enfermagem, atribuem a sua prática profissional	SANTOS; CASSIANI, 2000
Analisar a formação acadêmica dos enfermeiros-professores do corpo docente de uma escola técnica com vista à prática pedagógica	FERREIRA JUNIOR, 2008
Investigar como é abordado o conteúdo do tema relacionamento interpessoal entre os professores de uma escola de nível médio de enfermagem	RIBEIRO; PEDRÃO, 2005
Contribuir para reflexão acerca das alternativas de capacitação e qualificação de docentes atuantes no ensino técnico, com base no PAETEC	VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999
Identificar a articulação dos saberes de forma interdisciplinar, por enfermeiros docentes do curso técnico em enfermagem em sua prática docente, e analisar as relações entre o processo de formação do enfermeiro docente e a aplicação da interdisciplinaridade na sua prática pedagógica no curso técnico de enfermagem	CARVALHO; VIANA, 2009

Fonte: MAISSIAT, Greisse da Silveira - ENFERMEIROS DOCENTES DO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM: uma Revisão Integrativa, 2010.

Além de poucos estudos sendo realizados sobre os enfermeiros docentes do ensino técnico em enfermagem, os temas encontrados na amostra desta pesquisa foram os mais variados, dificultando a comparação e a integração dos trabalhos durante a análise dos dados. Porém, ao se efetuar a síntese e o agrupamento das pesquisas, encontrou-se o que segue no QUADRO 2.

QUADRO 2 - Síntese e agrupamento dos temas

Temas	Autor	f	%
Qualificação profissional (formação/capacitação/competência)	Ferreira Junior, 2008; Vellozo, Martins, Nascimento, 1999; Valente, Viana, 2006; Zocche, 2007; Oliveira, Maftum, Wall, 2005; Bassinello, Silva, 2005; Santos; Cassiani, 2000; Ribeiro, Pedrão, 2005.	8	88,9
Prática pedagógica e/ou processo ensino-aprendizagem	Valente, Viana, 2006; Ferreira Junior, 2008; Zocche, 2007; Oliveira, Maftum, Wall, 2005; Ribeiro, Pedrão, 2005; Vellozo, Martins, Nascimento, 1999.	6	66,7
Perfil	Bassinello, Silva, 2005; Ferreira Junior, 2008; Ribeiro, Pedrão, 2005; Zocche, 2007; Santos; Cassiani, 2000.	5	55,5
Condições de trabalho	Bassinello, Silva, 2005; Ribeiro, Pedrão, 2005; Santos; Cassiani, 2000; Zocche, 2007; Oliveira, Maftum, Wall, 2005.	5	55,5
Aspectos positivos	Santos; Cassiani, 2000.	1	11
Total		9	100

Fonte: MAISSIAT, Greisse da Silveira - ENFERMEIROS DOCENTES DO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM: Uma Revisão Integrativa, 2010.

Conforme o QUADRO 2, pode-se observar a identificação de cinco temáticas: Prática pedagógica e/ou processo de ensino-aprendizagem; perfil; qualificação profissional (formação/capacitação/competência), condições de trabalho e os aspectos positivos. Esses temas foram extraídos dos artigos e a descrição dos autores pode ser analisada dentro dos assuntos encontrados, conforme apresentado a seguir.

3.1 Qualificação profissional (formação/capacitação/competências)

Os cursos de graduação possuem um currículo essencialmente técnico, com ensino voltado para assistência, e não preparam os acadêmicos para a docência (FERREIRA JUNIOR, 2008). A formação do enfermeiro voltada para a docência significa o desenvolvimento de competências para atuar na educação profissionalizante (VALENTE; VIANA, 2006).

Nesse sentido, os enfermeiros estão ingressando na docência sem qualificação para o ensino (ZOCHE, 2007) e sem uma educação inicial suficiente que assegure uma formação didático-pedagógica para atuação em sala de aula (FERREIRA JUNIOR, 2008). As disciplinas voltadas para o ensino são ministradas com menos créditos ou são inexistentes em muitos currículos. Poucos cursos proporcionam uma base sólida para as atividades de orientação, ensino e informação (FERREIRA JUNIOR, 2008).

A formação é uma construção profissional e pessoal para o futuro docente dos cursos profissionalizantes (VALENTE; VIANA, 2006). Para isso são necessários mais disciplinas teóricas e práticas que fundamentem e ensinem aspectos didático-pedagógicos, contribuindo no crescimento profissional, formando professores competentes para o processo ensino-aprendizado (FERREIRA JUNIOR, 2008).

Por outro lado, há profissionais que consideram suficientes os conteúdos desenvolvidos na graduação e referem que eles fundamentam sua atuação no ensino por serem interligados com a

prática profissional, trazendo maior conhecimento e segurança para o docente (FERREIRA JUNIOR, 2008).

As pesquisas apontam que a maior parte dos enfermeiros não possui o curso de licenciatura em enfermagem ou formação pedagógica (FERREIRA JUNIOR, 2008; BASSINELLO; SILVA, 2005) e, por meio das delegacias de ensino recebem autorização para ministrarem aulas em caráter provisório (BASSINELLO; SILVA, 2005).

O mercado de trabalho e as instituições educacionais causam equívocos e situações nebulosas no exercício da docência ao autorizar o enfermeiro a ministrar aulas sem adequada formação e, por vezes, sem competência técnica (BASSINELLO; SILVA, 2005).

A dificuldade para identificação de competências se traduz na dificuldade em definir competência profissional e a insuficiência técnica na dinâmica do trabalho (ZOCICHE, 2007).

Competências técnicas do docente na formulação da proposta educativa consistem em estar preparando profissionais para o trabalho, como partícipe e co-responsável ao desempenho da proposta, a qual está em permanente construção e mudança (VALENTE; VIANA, 2006), bem como em quebrar paradigmas sobre o ensino baseado em memorizar e decorar conteúdo, para o treinamento de novas práticas que ensinem para a vida (ZOCICHE, 2007).

A noção de competências na escola deve primar o encontro entre trabalho e formação, enquanto, do ponto de vista empresarial, competência se associa com qualificação ao processo produtivo (ZOCICHE, 2007).

Ser competente é atuar de modo livre, autônomo, crítico, criativo e solidário no exercício do trabalho docente, compreendendo o currículo, estimular a leitura e relacionar os conteúdos à experiência de vida do aluno, pois esse se expressa como pessoa humana na construção de uma sociedade digna (VALENTE; VIANA, 2006). A definição de competências e habilidades deve considerar os critérios de flexibilidade que permeiam a prática de ensino (ZOCICHE, 2007). O desenvolvimento dessas competências desenvolve no discente e nos docentes o conhecimento e a capacidade de resolver os problemas (OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005).

Além disso, sugestões de estudos, reciclagens e educação continuada para entender o relacionamento interpessoal devem ser aplicadas rotineiramente na prática profissional e não fragmentadas e desenvolvidas no percurso educacional (RIBEIRO; PEDRÃO, 2005).

Grande parte dos docentes de Enfermagem preocupa-se em manterem-se atualizados frente às mudanças da educação (VALENTE; VIANA, 2006). Buscam o aprimoramento de conhecimentos participando de grupos de estudos e eventos e ser um professor menos tecnicista (SANTOS; CASSIANI, 2000).

Com isso, a maioria dos enfermeiros docentes investe em cursos de atualização profissional, capacitação, possui ao menos um título de especialista enriquecendo a educação continuada em enfermagem (BASSINELLO; SILVA, 2005). Uma estratégia de capacitação no ensino técnico consiste em articular o ensino-pesquisa, que proporcionará uma reflexão sobre sua prática (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999).

Por outro lado, há professores cuja opção é por não voltar a estudar, não se aperfeiçoar (SANTOS; CASSIANI, 2000). A maioria dos enfermeiros dos cursos técnicos nunca participou de uma pesquisa. Há pouca produção do conhecimento em nível médio profissionalizante em enfermagem (BASSINELLO; SILVA, 2005; VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999). Isso se confirma na presente pesquisa, em que poucas pesquisas participaram da amostra devido à escassez de estudos sobre a temática, tendo sido se encontradas pesquisas sobre os cursos profissionalizantes, mas poucas sobre os professores dos cursos profissionalizantes.

Os enfermeiros dos cursos técnicos têm no conhecimento o objeto de sua prática e assimilação crítica e criativa que envolve a produção de conhecimento, porém estimular e capacitar os alunos a assumirem o papel de pesquisadores é o desafio, uma vez que se percebe um descompromisso com a formação de profissionais críticos que possam intervir no seu próprio processo de trabalho (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999).

Ainda, acomodar-se no trabalho talvez tenha ligação com o tempo de exercício da profissão. O próprio professor refere estar com a aposentadoria próxima, com a idade mais avançada, gerando certa desmotivação para aprimorar e reciclar seus conhecimentos, fazendo com que opte por não buscar aperfeiçoamento profissional (SANTOS; CASSIANI, 2000). A reciclagem e a capacitação profissional são competências que devem acompanhar o docente enquanto estiver atuando na educação, a idade e aposentadoria deveriam ser motivadoras, ao contrário do que vemos nas pesquisas.

Atendendo as mudanças na educação a partir do Parecer nº16/99, entende-se que a interdisciplinaridade é uma competência pedagógica que deve estar presente, a fim de facilitar a articulação entre os conteúdos, dando uma complementaridade, facilitando o aprendizado (VALENTE; VIANA, 2006).

A necessidade de mudanças no processo de trabalho direciona os professores a construir uma prática de ensino articulada com a pesquisa, que reorienta e reconduza à produção científica dos professores (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999).

As mudanças geram adaptações, o que torna de suma importância a elaboração de um programa de educação continuada dentro da própria instituição e a participação nele, para aplicar a interdisciplinaridade na prática pedagógica (VALENTE; VIANA, 2006).

O Programa de Aperfeiçoamento do Ensino Técnico – PAETEC, desenvolvido pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ), objetiva capacitar os docentes e estimulá-los para a reflexão sobre seu preparo, as inquietações, as contradições, o aperfeiçoamento profissional que contribuirão na construção da identidade do professor a partir dos princípios que norteiam o processo de ensino-aprendizagem (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999).

3.2 Prática pedagógica e/ou processo ensino-aprendizagem

Os enfermeiros docentes do ensino técnico em enfermagem referem estar iniciando sua prática docente devido à influência de certos professores, a formação de licenciatura ou pelo “dom de ensinar” (FERREIRA JUNIOR, 2008).

No processo de ensino o professor é um facilitador do conhecimento, deve compreender que a prática pedagógica não se resume em reproduzir o saber (VALENTE; VIANA, 2006), pois pretende-se transformar a instituição de ensino em produtora e não apenas em reprodutora do conhecimento (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999), incentivando a troca de conhecimento e de vivências entre o discente e o docente para a construção do processo ensino-aprendizado (VALENTE; VIANA, 2006).

Ressalta-se, também, o processo de reflexão sobre a prática docente (ZOCHE, 2007). Esse deve estar presente para que o enfermeiro docente possa estar em constante autoavaliação do seu trabalho e atender as expectativas não somente dos alunos, mas da legislação vigente, no que tange às mudanças, qualificação e organização curricular (VALENTE; VIANA, 2006; FERREIRA JUNIOR, 2008). O processo de reflexão promove e qualifica os professores na direção da interdisciplinaridade (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999).

A didática interdisciplinar deve constar no planejamento pedagógico, a fim de que a articulação dos conteúdos facilite a compreensão, o entendimento e o aprendizado, porém mantendo a individualidade de cada disciplina (VALENTE; VIANA, 2006).

Além disso, no processo ensino-aprendizado devem se perceber as situações de aprendizado, escutando o aluno, mantendo o diálogo, favorecendo a troca de experiência (ZOCHE, 2007); desenvolver a criatividade, iniciativa, ousadia e observação, pois responderá por suas ações e atitudes com responsabilidade frente aos princípios éticos e científicos (OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005).

Desenvolver, também, a capacidade de aprender a aprender, por meio de projetos, práticas em laboratórios, oficinas, incentivar a pesquisa, o uso das tecnologias, estudo de caso e trabalho em equipe (ZOCHE, 2007). Ensinar o assunto sobre o que e onde fica, onde começa e onde termina, vivenciar, sentir, operar, avaliar para aprender, lembrando que se não avalia, não se traduz como aprendizado (ZOCHE, 2007).

Entretanto, o ambiente desconhecido, medo, ansiedade, insegurança, as situações novas e as dificuldades na observação das necessidades dos pacientes durante o estágio e até na vida profissional prejudicam as ações de iniciativas do aluno. Por isso, o professor deve ter boa comunicação no processo ensino-aprendizado, ter empatia, orientar e assegurar o aluno conforme cada atividade (OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005).

O espaço educacional educa para a vida e prepara para o mundo do trabalho, desenvolvendo competências, inclusão social e vida produtiva (ZOCHE, 2007), para (re)criar as relações alunos e professores, escola e sociedade (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999).

Os docentes respondem pela qualidade da formação do aluno, porém estão distantes da aplicabilidade no mundo do trabalho (VELLOZO; MARTINS; NASCIMENTO, 1999). Para estimular essa prática pedagógica, bem como o maior interesse do aluno, utiliza-se como didática no processo de ensino relacionar o conteúdo teórico proposto com a prática e com as experiências vivenciadas por eles no contexto de sua história, promovendo amplo conhecimento e maior participação nas aulas (VALENTE; VIANA, 2006).

Outra preocupação dos docentes é abordar o conteúdo “relacionamento interpessoal”, pois é um aspecto importante para o aluno, visto que estará presente na sua prática futura (RIBEIRO; PEDRÃO, 2005).

3.3 Perfil

Apesar de poucas pesquisas abordarem o perfil dos enfermeiros docentes, percebe-se que são variáveis importantes nas pesquisas sobre o tema proposto. Observou-se, analisou-se que o sexo feminino é predominante entre as pesquisas (RIBEIRO; PEDRÃO, 2005; BASSINELLO; SILVA, 2005), que a maioria é casada, tem faixa etária entre 40 a 49 anos (BASSINELLO; SILVA, 2005) considerada de grande produtividade e com grandes chances de busca de aperfeiçoamento profissional (RIBEIRO; PEDRÃO, 2005).

A maior parte dos docentes tem dois empregos e trabalha em hospitais e escolas. A docência nos cursos profissionalizante em enfermagem é atividade secundária e conta com a área da educação para aumentar os rendimentos (BASSINELLO; SILVA, 2005), pois com os baixos salários existe a necessidade de acrescentar um ou mais empregos (SANTOS; CASSIANI, 2000).

Embora o tempo de formado esteja entre 10 e 24 anos, a maior parte está iniciando na educação (BASSINELLO; SILVA, 2005). Não se pode comprovar que a experiência profissional na educação promove melhor desempenho na docência, porém o maior tempo de prática pedagógica é visto como um fator positivo, pois fornece maior segurança, tranquilidade e suporte para a realização

das atividades didático-pedagógicas (FERREIRA JUNIOR, 2008), resultando o conhecimento da atuação, vivência e exposição pessoal (ZOCCHÉ, 2007).

3.4 Condições de trabalho

Na docência de ensino profissionalizante os enfermeiros são contratados sem delimitar o perfil profissional (SANTOS; CASSIANI, 2000), sem carreira, por baixa remuneração (ZOCCHÉ, 2007), sob poucas exigências, em caráter "horista" e sem carteira assinada, o que acarreta no não recebimento dos direitos trabalhistas como férias, décimo terceiro salário e fundo de garantia (BASSINELLO; SILVA, 2005).

Além disso, o contexto das relações sociais, os problemas pessoais, familiares e de trabalho causam dificuldades em conciliar família e profissão, gerando conflito consigo mesmo, com a instituição, colegas de trabalho e com os alunos, que limitam, impedem e desestimulam o docente na busca da atualização e educação continuada (SANTOS; CASSIANI, 2000).

Também existe a falta de materiais e de recursos humanos, insuficiência na infraestrutura física, escassez de material didático, tendo o profissional de improvisar e se adaptar na tentativa de suprir a falta de recursos, gerando uma sobrecarga de trabalho (SANTOS; CASSIANI, 2000; OLIVEIRA; MAFTUM; WALL, 2005).

Como já é reconhecido na profissão do Enfermeiro, os sentimentos de inferioridade, discriminação, desvalorização, trabalhar com grande número de alunos, falta de diretriz, de apoio e incentivo institucional, baixo salário e falta de reconhecimento pelo trabalho realizado estão presentes também no exercício da docência (SANTOS; CASSIANI, 2000).

Outras dificuldades são a fragmentação e a especialização dos currículos (ZOCCHÉ, 2007), pois não se tem definido o real conteúdo ministrado, aprendido e aplicado nas disciplinas (RIBEIRO; PEDRÃO, 2005).

Outro ponto desfavorável do trabalho do enfermeiro docente permeia a relação com os diferentes tipos de aluno, tendo o professor em sua classe adolescentes com características próprias da idade e adultos, por vezes, com experiência e conhecimento na área e resistentes à mudança (SANTOS; CASSIANI, 2000).

3.5 Aspectos positivos

Como qualquer outra profissão, o enfermeiro na prática da docência profissionalizante depara-se tanto com sentimentos negativos quanto com positivos. Neste estudo encontrou-se apenas uma única pesquisa científica que aborda os aspectos positivos e motivadores dos enfermeiros enquanto docentes dos cursos técnicos em enfermagem.

Muitos profissionais encontram nessa prática o prazer da enfermagem, de ensinar e educar, buscando inovações e mudança necessárias ao bom desempenho pessoal e profissional, almejando o crescimento contínuo e também um bom relacionamento com os alunos (SANTOS; CASSIANI, 2000).

Verifica-se que o docente do ensino profissionalizante em enfermagem sente-se entusiasmado e gratificado pelo trabalho que desempenha na educação, dentre os quais a formatura do aluno que é um momento em que o professor reconhece neste, o resultado de seu esforço e dedicação (SANTOS; CASSIANI, 2000).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados encontrados com esta pesquisa evidenciou-se uma despreocupação do profissional que atua nessa área frente a sua formação e competência para o ensino. Isso porque são poucos os profissionais do ensino técnico que reciclam seus conhecimentos, que se especializam na educação e que buscam nas pesquisas científicas uma forma de melhorar e atualizar sua prática profissional.

Conclui-se que são muitos os trabalhos que abordam o ensino médio em enfermagem, porém são escassos os estudos que tratam essencialmente do enfermeiro em atividade docente do ensino profissionalizante. O desenvolvimento de estudos sobre esse tema visa a contribuir na capacitação e educação continuada dos profissionais que atuam nessa área, além de mostrar as mudanças da educação, avaliação de seu trabalho frente ao que se encontra em evidência enquanto didática e pedagogia.

Sugere-se que os enfermeiros docentes do ensino profissionalizante desenvolvam mais pesquisas sobre o mundo do trabalho na educação e desempenho de suas funções, para contribuir com o ensino e incentivar os próprios profissionais no que tange às produções científicas.

Este estudo visou, portanto, incentivar o enfermeiro docente na busca de qualificação profissional, a fim de que sejam relacionados os conhecimentos da enfermagem enquanto ciência aos conhecimentos da didática e pedagogia, formando, assim, profissionais técnicos em enfermagem mais bem preparados e com maior competência, o que gera melhor assistência e qualidade no atendimento em enfermagem e maior satisfação dos pacientes.

REFERÊNCIAS ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. A “nova” lei do exercício profissional da enfermagem. Brasília: ABEn, 1987. ①

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação: - referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BASSINELLO, Greicelene A. H.; SILVA, Eliete Maria. Perfil dos Professores de ensino médio profissionalizante em enfermagem. *Revista de Enfermagem da UERJ*, Rio de Janeiro, p. 76-82, 2005. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭ ⑮ ⑯ ⑰ ⑱

BRASIL. Lei n. 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, 26 jun. 1986. ① ②

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo. Brasília, DF, 23 dez. 1996. ①

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, Portaria n. 1262/GM de 15 de outubro 1999. Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem. Brasília, DF. 15 out. 1999. ①

CARVALHO, R. S.; VIANA, L. O. A formação do enfermeiro docente do ensino médio profissionalizante na relação com o princípio da interdisciplinaridade. *Revista Eletrônica Enfermeria Global*, n. 15, fev. 2009. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦

COOPER, H. M. Scientific guidelines for conducting integrative research reviews. *Review of Educational Research*, v. 52, n. 2, p. 291-302, 1982. ① ②

DANTAS, Rosana Aparecida Spadoti; AGUILLAR, Olga Maimoni. O ensino médio e o exercício profissional no contexto da enfermagem brasileira. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 7, n. 2, abr. 1999. [1](#) [2](#)

FERREIRA JUNIOR, Marcos Antonio. Os reflexos da formação inicial na atuação dos professores enfermeiros. **REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM**, Brasília, p. 866-71, nov./dez. 2008. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#)

KOBAYASHI, Rika M.; LEITE, Maria Madalena Januário. Formação de competências administrativas do técnico de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 12, n. 2, mar./abr., 2004. [1](#) [2](#)

OLIVEIRA, Janete Maria de; MAFTUM, Mariluci Alves; WALL, Marilene Lowen. Critério de avaliação de aluno: uma construção dos docentes do curso técnico em enfermagem do CEPE. **Revista Cogitare Enfermagem**, Minas Gerais, p. 26-33, jan./abr. 2005. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#)

RIBEIRO, Maria Inês Lemos Coelho; PEDRÃO, Luiz Jorge. Relacionamento interpessoal no nível médio em enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, vol. 58, n. 3, maio/jun. 2005. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#)

SANTOS, Lúcia Helena Pereira dos; CASSIANE, Silvia Helena De Bortoli. Vivendo em constante conflito: o significado da prática docente no ensino médio de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 5, p. 58-6, 2000. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#)

SECAF, V. **A licenciatura em enfermagem e a prática de ensino: uma revisão crítica de sua evolução na Universidade de São Paulo**. Tese de doutorado, p. 188, São Paulo, 1987. [1](#)

SILVEIRA, Renata; CORRÊA, Adriana Kátia. Análise integrativa da literatura (1999-2003): ensino em educação profissional em enfermagem. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, p. 91-96, 2005. [1](#)

VALENTE, G. S. C.; VIANA, L. O. A formação do enfermeiro para o ensino de nível médio em enfermagem: Uma questão de competência. **Revista Eletrônica Enfermeria Global**, n. 9, nov. 2006. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#)

VELLOZO, V.; MARTINS, M. I. C.; NASCIMENTO, R. B. do. Articulando ensino e pesquisa: construindo uma proposta de capacitação para docentes do ensino técnico. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, 1999. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#)

ZOCHE, Denise Antunes de Azambuja. Educação profissional em saúde: reflexões sobre a avaliação. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, p. 281-295, jul. 2007. [1](#) [2](#) [3](#) [4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#) [11](#) [12](#) [13](#) [14](#) [15](#) [16](#) [17](#) [18](#) [19](#) [20](#) [21](#) [22](#) [23](#)